

Teoria, política e história



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

ALEXANDRE DA SILVA SIMÕES – CARLOS EDUARDO ORNELAS BERRIEL

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO

PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

COLEÇÃO MARX 21

Comissão Editorial

ARMANDO BOITO JUNIOR (COORDENADOR)

ALFREDO SAAD FILHO – JOÃO CARLOS KFOURI QUARTIM DE MORAES

LUIZ EDUARDO MOTA – MARCO VANZULLI

SÁVIO MACHADO CAVALCANTE (REPRESENTANTE DO CONSELHO)

PERRY ANDERSON

TEORIA, POLÍTICA E HISTÓRIA
Um debate com E. P. Thompson

TRADUÇÃO

Marcelo Cizaurre Guirau

REVISÃO DA TRADUÇÃO

Ivan M. Ribeiro

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

An24t Anderson, Perry.
Teoria, política e história: um debate com E. P. Thompson / Perry Anderson;
tradução: Marcelo Cizaurre; revisão da tradução: Ivan M. Ribeiro. – Campinas,
SP: Editora da Unicamp, 2018.

Tradução de: *Arguments within English marxism*.

1. Thompson, Edward Palmer, 1924-1993. 2. *New Left Review*. 3. Comunismo – História. 4. Socialismo – História. I. Cizaurre, Marcelo. II. Ribeiro, Ivan M. III. Título.

CDD - 052
- 320.531
- 335.43

ISBN 978-85-268-1453-0

Título original: *Arguments within English marxism*

Copyright © 1980 by Perry Anderson

Copyright © 1980 by The Imprint of the New Left Books

Copyright © 2018 by Editora da Unicamp

1ª reimpressão, 2021

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade do autor e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Impresso no Brasil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 352.1-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

O historiador pode tender a ser um tanto generoso porque um historiador tem que aprender a escutar e a dar atenção a grupos muito distintos de pessoas e a experimentar e entender seus sistemas de valores e sua consciência. Obviamente, em uma situação de grande engajamento, não se pode sempre arcar com esse tipo de generosidade. Mas, arcando-se muito pouco, se é impelido a um tipo de posição sectária na qual erros de julgamento em relação a outras pessoas são repetidamente cometidos. Temos visto muito disso ultimamente. A consciência histórica deve ajudar a entender as possibilidades de transformação e as possibilidades nas pessoas.

Edward Thompson

SUMÁRIO

| | |
|-----------------------------------|-----|
| PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA..... | 9 |
| INTRODUÇÃO..... | 13 |
| 1 – HISTORIOGRAFIA..... | 17 |
| 2 – AGÊNCIA..... | 29 |
| 3 – MARXISMO..... | 75 |
| 4 – STALINISMO..... | 117 |
| 5 – INTERNACIONALISMO..... | 149 |
| 6 – UTOPIAS..... | 177 |
| 7 – ESTRATÉGIAS..... | 197 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 231 |
| ÍNDICE..... | 237 |

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Danilo Enrico Martuscelli

O presente livro ocupa posição única e até intrigante na história das edições brasileiras das obras de Perry Anderson.

Como é sabido de muitos, o marxista inglês Perry Anderson é um dos mais importantes historiadores europeus e possui diversas obras e artigos publicados no Brasil que versam sobre temas variados, como a história europeia e a transição social, a história do marxismo, o exame crítico da produção teórica de pensadores marxistas e não marxistas, tais como Gramsci, Bobbio, Rawls, Hayek, entre outros, além de reflexões acerca da conjuntura mais recente, incluindo-se aqui análises sobre o neoliberalismo e a política brasileira dos governos Lula e Dilma.

Surpreendentemente, a obra que estamos apresentando ao público brasileiro, *Arguments within English Marxism*, que é uma de suas obras mais polêmicas e importantes para o debate acerca da teoria marxista da história, não contava com tradução em língua portuguesa até o momento. Nesta primeira edição brasileira do livro, a tradução foi feita a partir da edição inglesa original publicada pela New Left Books e Verso Editions em 1980; adotou, contudo, o título proposto pela tradução em castelhano, por considerá-lo mais oportuno quanto à descrição dos temas abordados (teoria, política e história) e do objeto da polêmica do livro: *Teoria, política e história: Um debate com E. P. Thompson*.

O livro está dividido em sete capítulos. Nos quatro primeiros (“Historiografia”, “Agência”, “Marxismo” e “Stalinismo”), Anderson procura analisar

a procedência das críticas formuladas por Thompson ao pensamento de Louis Althusser, condensadas na obra *The poverty of theory and others essays*, publicada pela Merlin Press, de Londres, em 1978. Vale ressaltar que, além do ensaio crítico dirigido exclusivamente contra Althusser: “The poverty of theory, or An orrery of errors”, o livro continha outros artigos mais antigos que evidenciam alguns traços marcantes do modo como Thompson pensava a história e a historiografia, tais como: “Outside the Whale” (1960), “The peculiarities of the English” (1965), “An Open Letter to Leszek Kolakowski” (1973). Na única tradução disponível em língua portuguesa desse livro de Thompson, apenas o ensaio “The poverty of theory, or An orrery of errors” foi publicado.¹

Em grande medida, a iniciativa de escrever *Teoria, política e história...* surgiu da crítica exacerbada feita por Thompson à obra de Althusser.² No Brasil, o livro de Thompson *A miséria da teoria ou um planetário de erros* fez sucesso entre estudantes e professores universitários e é apresentado como a sentença final de condenação da obra de Althusser. Agora, o público brasileiro tem à sua disposição uma avaliação crítica, rigorosa e ponderada dessa sentença de primeira instância.

Em troca de correspondências entre janeiro e março de 1979, Anderson chegou a convidar Althusser para dar uma resposta a Thompson nas páginas da revista *New Left Review*, mas o filósofo marxista franco-argelino recusou-se a fazê-lo, alegando não possuir conhecimento profundo sobre a historiografia marxista inglesa, mas lamentando também ter se dedicado muito pouco e de maneira sumária e unilateral ao tema da história na obra *Lire Le capital* (*Ler O capital*), o que não deixa de ser uma ironia, tendo em vista que uma das questões centrais que percorreram toda a sua trajetória intelectual, e não só a obra *Lire Le capital*, foi a de delimitar os conceitos e a problemática teórica que permitiriam o desenvolvimento de uma teoria marxista da história com bases científicas.³ É de supor que Althusser não tenha querido dar nenhuma resposta, pois o caráter dogmático e caricatural e o tom virulento do livro de Thompson impediam qualquer tipo de diálogo entre eles.⁴

Nos três capítulos finais do livro (“Internacionalismo”, “Utopias” e “Estratégias”), Anderson recupera alguns dos debates que havia travado com Thompson no contexto dos anos 1960 em torno da história da formação social inglesa. Isso, especialmente no que se refere à caracterização que faziam do papel da burguesia no processo de transição ao capitalismo e do papel dos trabalhadores em relação à burguesia, e da linha editorial do periódico *New*

Left Review, do qual Thompson havia sido um dos fundadores, tendo se retirado no momento em que Anderson assumiu a editoria daquela publicação.

O espírito geral do livro que ora apresentamos foi o de estabelecer um diálogo fraterno com Thompson sem, contudo, renunciar à crítica.⁵ Trata-se de um livro que aborda questões decisivas para o desenvolvimento do marxismo como ciência e para a luta socialista, destacando-se aqui na sequência em que figuram no texto: a relação entre dados empíricos e teoria; o papel da agência humana na história; as ambiguidades do conceito de experiência presente na obra de Thompson; as polêmicas em torno da formação da classe trabalhadora na Inglaterra; a evolução do pensamento de Marx e as bases constitutivas do materialismo histórico; os equívocos de Thompson quanto à caracterização de Althusser como um teórico stalinista; a trajetória intelectual de Althusser, sua crítica ao stalinismo e sua proximidade com a Revolução Cultural Chinesa; a trajetória política de Thompson, o que envolve sua saída do Partido Comunista da Grã-Bretanha e sua posterior adesão a um partido de caráter social-democrata: o Partido Trabalhista inglês; o internacionalismo e suas implicações sobre o debate no interior da esquerda inglesa; a crítica ao utopismo político-moral de William Morris, que havia influenciado a obra de Thompson; o problema da transição e da estratégia socialistas.

Enfim, esse conjunto amplo de temas debatidos, as polêmicas suscitadas por cada um deles e o rigor analítico de Perry Anderson são aspectos mais do que suficientes para justificar a publicação da primeira tradução desta obra no Brasil. Aliás, o que causava estranheza era a sua já referida ausência na extensa lista de livros e artigos de Perry Anderson traduzidos no Brasil.

Notas

- 1 Ver: *A miséria da teoria ou um planetário de erros: Uma crítica ao pensamento de Althusser*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1981. Dois dos outros artigos da versão original do livro permanecem sem tradução. Há poucos anos foi publicado no Brasil no formato de livro o ensaio “The peculiarities of the English”. Ver: *As peculiaridades dos ingleses e outros ensaios*. Campinas, Editora da Unicamp, 2012. Essa tradução havia sido publicada originalmente e com pequena tiragem na coleção Textos Didáticos do IFCH-Unicamp, em 1998.
- 2 Para uma análise e uma contextualização exaustiva de *The poverty of theory and others essays*, ver: Scott Hamilton. *The Crisis of Theory: E. P. Thompson, the New Left and postwar British politics*. Manchester/New York, Manchester University Press, 2011.
- 3 Sobre a troca de correspondências entre Anderson e Althusser, consultar Gregory Elliott. *Althusser: Detour of theory*. Leiden/Boston, Brill, 2006. A primeira edição desse livro havia sido publicada pela editora Verso em 1987.

- 4 Para uma análise de conteúdo da polêmica Thompson/Althusser, ver: César Rendueles. “Teoría social y experiencia histórica. La polémica entre E. P. Thompson y Louis Althusser”. *Sociología Histórica*, n. 3, 2013; Pedro Benítez Martín. “Thompson vs. Althusser”. *Crítica Marxista*, n. 39, 2014; Pedro Benítez Martín. *En torno a la polémica Thompson-Althusser (apuntes para una revisión)*, mimeo., s.d. Vale a pena citar também o trabalho de uma jovem estudante brasileira, Geise Targa de Souza. *O problema da produção do conhecimento histórico na polémica Thompson-Althusser*. Chapecó, trabalho de conclusão do curso de licenciatura em História, 2015. Disponível em: < <http://www.libgen.io/book/index.php?md5=0152f9029140c7e9cffb7755fffc4340> >.
- 5 Para um amplo balanço da polêmica Anderson/Thompson, ver: José Sazbón. “Duas caras do marxismo inglês: O intercâmbio Thompson/Anderson”. *História e Perspectivas*, n. 1, jan.-jun. 2014, pp. 235-294. Sobre o debate Anderson-Thompson na *New Left Review*, consultar: Renata H. Dalaqua. “O debate no interior da *New Left* britânica: O significado da controvérsia entre Perry Anderson e E. P. Thompson”. *História Social*, n. 16, 2009, pp. 215-232.

INTRODUÇÃO

Edward Thompson é atualmente nosso melhor escritor socialista – certamente na Inglaterra, possivelmente na Europa. Os leitores de *A formação da classe operária inglesa*, ou mesmo de *Senhores e caçadores*, sempre se lembrarão dessas grandes obras literárias. A admirável variedade de timbres e ritmos dominada pela escrita de Thompson no máximo de seu alcance – alternadamente apaixonada e lúdica, cáustica e delicada, coloquial e decorosa – não encontra par na Esquerda. Possivelmente, também, o êxito estritamente histórico da série de estudos que se estende através dos séculos XVIII e XIX – de *William Morris* ao rico grupo de ensaios recentes cuja reunião está prometida em *Costumes em comum* – é talvez o produto mais original do *corpus* da Historiografia Marxista Inglesa para o qual tantos estudiosos talentosos contribuíram. Deixando de lado outras considerações, é raro a qualquer pesquisador se sentir igualmente em casa em duas épocas tão contrastantes. Qualquer que seja a avaliação comparativa feita a esse respeito – na qual, sem dúvida, nenhum julgamento definitivo será alcançado – duas características distintivas da prática de Thompson como historiador se destacam. Do começo ao fim, sua prática foi a mais declaradamente política de todos de sua geração. Todos os grandes – e quase todos os pequenos – trabalhos que escreveu concluem com uma reflexão aberta e direta sobre suas lições para os socialistas de seu próprio tempo. *William Morris* termina com uma discussão sobre “realismo moral”; *A formação da classe operária inglesa* relembra nossa dívida com a “árvore da liberdade” plantada pelo antigo proletariado inglês;

Senhores e caçadores termina com uma reavaliação geral do “Estado de direito”; um ensaio como “Tempo, disciplina do trabalho e capitalismo industrial”¹ especula sobre uma possível síntese do “velho e do novo sentido do tempo” em uma sociedade comunista do futuro que tenha superado o “problema do ócio”. Cada um desses textos é, a sua maneira, uma intervenção militante no presente, bem como um resgate profissional do passado. A sólida consistência de sua direção, de meados dos anos 1950 ao final dos anos 1970 – visivelmente atestada no longo posfácio à nova edição do estudo sobre Morris (1977) –, é profundamente impressionante. Ao mesmo tempo, esses trabalhos de história são também contribuições deliberadas e orientadas para a teoria: nenhum outro historiador marxista se deu ao trabalho de confrontar e explorar, sem insinuações ou circunlóquios, questões conceituais difíceis no seu trabalho de pesquisa. As definições de “classe” e “consciência de classe” em *A formação da classe operária inglesa*; a crítica a “base e superestrutura” pelo prisma do direito em *Senhores e caçadores*; o restabelecimento do “utopismo” como imaginação disciplinada na nova edição de *William Morris* – todos representam argumentos teóricos que não são meros enclaves em seus respectivos discursos históricos, mas, em vez disso, formam sua culminância e sua resolução naturais.

A afirmação de nosso respeito crítico e nossa gratidão é, desse modo, de complexidade e magnitude formidáveis. No entanto, uma apreciação das preocupações e ideias centrais de Thompson aguarda há tempos para ser feita. A publicação de *A miséria da teoria*² fornece a ocasião para começar tal apreciação. Lançada há mais de um ano, em geral, essa obra tem tido uma recepção favorável na Inglaterra. Mas, até o momento em que escrevo, nenhuma resposta aprofundada ao livro apareceu. Dado o desafio que a obra posta, isso aparenta ser algo como um anticlímax. Em muitos aspectos, eu não posso ser considerado o mais apropriado interlocutor. *A miséria da teoria* contém quatro ensaios, três dos quais já publicados. Entre os três está a famosa crítica das visões da sociedade e da história inglesas desenvolvida na *New Left Review* – à qual me reintegrei há mais de uma década –, intitulada “As peculiaridades dos ingleses”.* O inédito é um ataque de mais de 200 páginas ao pensamento de Louis Althusser que, por sua escala e sua novidade, inevitavelmente domina o livro. O debatedor apropriado para esses

* “The Peculiarities of the English”, no original. Em português, integra a obra *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Org. Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Trad. Antonio L. Negro et al. Campinas, Editora da Unicamp, 2ª reimpr. 2015. (N. da T.)

ataques seria, obviamente, um althusseriano. No entanto, na ausência momentânea de candidatos mais indicados, vale a pena rever aqui as teses que Thompson lança no ensaio – que é quase um livro – que dá título (e manifesto) ao volume. *A miséria da teoria ou um planetário de erros* não é apenas uma polêmica contra Althusser: é também a mais sustentada exposição do credo do próprio Thompson, como historiador e como socialista. Dessa forma, os objetivos do presente ensaio serão três. Olhar para a crítica de Thompson a Althusser e tentar determinar sua justiça; simultaneamente, e mais importante, procurar extrair os pontos cruciais do sólido trabalho de Thompson pela lente dos princípios e procedimentos recomendados em *A miséria da teoria*.³ O tratamento de Althusser, começando moderadamente e terminando em uma tempestade de fúria, é não convencional em organização. A discussão desse assunto será facilitada por um reagrupamento de seus temas para um comentário mais conciso sobre cada um deles. *A miséria da teoria* é, com efeito, dominada por quatro problemas principais: o caráter da pesquisa histórica; o papel da agência humana na história; a natureza e o destino do marxismo; o fenômeno do stalinismo. Abordarei cada um deles a seu turno, conforme aparecerem nas críticas de Thompson a Althusser e na sua própria prática como historiador. E, para concluir, tentarei situar o trabalho de Thompson em um contexto comparativo capaz de esclarecer, de algum modo, as diferenças surgidas entre ele e a *New Left Review*, uma publicação em cuja criação ele desempenhou papel central. Qualquer que seja a nossa visão sobre argumentos específicos de *A miséria da teoria*, a empreitada em si deve ser bem-vinda. Ela representa o primeiro envolvimento pleno de um historiador inglês, no terreno do marxismo, com um grande sistema filosófico do continente. O encontro direto das duas diferentes tradições discursivas representadas por Thompson e Althusser é, há algum tempo, necessário para o desenvolvimento do materialismo histórico como um todo.⁴ É mérito de Thompson ter assumido essa tarefa, iniciando um processo de trocas que esperamos seja, ao final, múltiplo.

Notas

1 *Past and Present*, n. 38, 1967, pp. 56-97.

2 *The Poverty of Theory*. London, 1978.

3 As referências às obras serão, doravante, abreviadas para: PT (*The Poverty of Theory*); MEWC (*The Making of the English Working Class [A formação da classe operária inglesa]*),

edição Penguin de 1963; WH (*Whigs and Hunters* [Senhores e caçadores]), 1973; WM (*William Morris – Romantic to Revolutionary* [William Morris – Romântico e revolucionário]), reedição de 1977.

- 4 Ver os comentários em *Considerations on Western Marxism*. London, 1979, pp. 111-112.

1

HISTORIOGRAFIA

As seções de abertura de *A miséria da teoria* são endereçadas a certas questões gerais da historiografia como disciplina. Três problemas específicos são explorados por Thompson, os quais podem ser formulados desta forma: (a) Quais são a natureza e o lugar particulares da *evidência* em qualquer pesquisa histórica? (b) Quais são os *conceitos* apropriados para a compreensão de processos históricos? (c) Qual é o *objeto* específico do conhecimento histórico? Em cada caso, Thompson evoca e rejeita o que ele assume ser a resposta de Althusser e propõe sua própria solução. Ele começa seu caso com a acusação de que a epistemologia de Althusser exhibe uma indiferença radical pelos dados primários que formam o que é nela chamado de Generalidades I: nenhuma explicação ou atenção é dada para o caráter ou a origem desses dados – dentre os quais a “experiência” lidera. A atitude negligente de Althusser para com os fatos empíricos é confirmada por sua descrição das Generalidades II, ou o processo de cognição em si, as quais efetivamente supõem que qualquer teoria científica pode definir e produzir seus próprios fatos por meio de protocolos autovalidadores, sem recorrer a apelos externos. Thompson argumenta que isso é uma extensão abusiva dos procedimentos muito restritos e excepcionais da matemática e da lógica, sendo totalmente ilegítima se aplicada às ciências sociais ou físicas, nas quais o controle da evidência é sempre central. O resultado disso é que nenhum conhecimento novo genuíno pode emergir nas Generalidades III (seu pretenso lugar) de Althusser, considerando que as Generalidades II já empacotaram os dados das Genera-

lidades I – há um ciclo epistemológico. O resultado é “*exatamente* o que é geralmente designado, na tradição marxista, como idealismo”¹ – ou seja, “um universo conceitual autogerador que impõe sua própria identidade sobre os fenômenos de existência material e social, em vez de se engajar em um diálogo contínuo com eles”.²

Qual é a justiça nessas acusações? Na minha visão, muita. A teoria do conhecimento de Althusser – tanto da ciência quanto da ideologia – é, como argumentei em outro lugar, diretamente tributária à de Espinosa.³ Não é surpreendente que uma epistemologia com esse fundo metafísico seja incompatível com os cânones da ciência moderna. Lucio Colletti observou certa vez:

Pode-se dizer que há duas tradições principais na filosofia ocidental nesse sentido: uma que descende de Espinosa e de Hegel; outra, de Hume e Kant. Essas duas linhas de desenvolvimento são profundamente divergentes. Para qualquer teoria que assuma a ciência como a única forma de conhecimento verdadeiro, é indubitável que à tradição de Hume-Kant deve ser dada prioridade e preferência sobre a de Espinosa-Hegel.⁴

A vasta verdade dessa afirmação é incontestável. No caso em questão, não há qualquer dúvida de que Althusser não demonstra interesse algum na origem e na natureza (diversas) das Generalidades I, dentro de seu esquema. Em um aspecto, Thompson até vai muito longe na direção de Althusser quando, casualmente, supõe que a “sensopercepção” não é “conhecimento”.⁵ De fato, certos tipos de experiências perceptivas – os dados dos sentidos com os quais o empirismo radical, desde Hume, sempre esteve preocupado – não precisam de transformação por qualquer das Generalidades II para gerar conhecimento: eles constituem uma forma de conhecimento elementar em si mesmos, sem mais delongas (por exemplo, “como está o tempo hoje?”). O sistema de Althusser erroneamente assimila *tout court* o conhecimento à ciência – um deslize inaugural distante da trivialidade em suas consequências: a origem definitiva de sua insensibilidade em relação à evidência se encontra aqui. Thompson certamente está certo em fazer essa acusação. Por outro lado, seu vigoroso ataque à noção de que fatos históricos primários são, de algum modo, “preparados” ou “pré-selecionados” pela intenção daqueles que os deixam para trás⁶ é pertinente no que se refere a Popper, que avançou essa controvérsia absurda, mas não a Althusser, que nunca fez isso. Uma discussão salutar em si mesma é aqui mal utilizada para sugerir culpa por associação. Similarmente, Thompson condena, de maneira justificada, dois soció-

logos ingleses, Hirst e Hindess,⁷ pela máxima de que “fatos nunca são dados, são sempre produzidos”, mas falha ao não observar que o trabalho citado, especificamente, acusa Althusser de “empirismo” e, por essa razão, mal pode ser considerado um representante desse procedimento.

Ao construir uma eloquente e necessária defesa genérica do ofício do historiador, Thompson de fato incorre com muita frequência em uma amalgamação de posições individuais, cada uma delas deficiente, mas em graus e maneiras significativamente diferentes. Assim, Althusser de fato responde de modo impróprio a protocolos lógico-matemáticos de prova como modelos de procedimento científico. Sua teoria do conhecimento, dissociada dos controles da evidência, é insustentavelmente internalista: acima de tudo, a ela falta algum conceito de falsificação. Ao contrário, no entanto, a força da filosofia da ciência de Popper – não se sabe se Thompson compreende o quanto ela é forte – sempre se assentou precisamente na sua insistência na falseabilidade, um princípio crucialmente caracterizado por Lakatos e outros, mas que fica comprometida pelas notórias ilusões de Popper relativas aos registros históricos. A hostilidade que Thompson sente nos dois filósofos quanto à prática do historiador tem origens opostas – aproximando, uma confiança exagerada nos paradigmas da matemática e da física, respectivamente – e consequências opostas – negação de quaisquer leis de movimento no curso aleatório da história, e sua afirmação na implacável máquina da *Darstellung*. O conhecido argumento de que os opostos se atraem não é algo que sobreviva a uma inspeção mais próxima. Muito mais pertinente e substancial é a demolição analítica de Thompson da máxima de Althusser de que “o conhecimento da história não é histórico, tanto quanto não é açucarado o conhecimento do açúcar”. Em uma demonstração espirituosa, Thompson expõe o sofisma da comparação, a qual ele aponta ser sustentável apenas se lêssemos “químico” no lugar de “açucarado” – e, assim o fazendo, cancelaria sua própria pretensão.⁸ A intenção da fórmula de Althusser, claro, era dramatizar a distância entre o “objeto real” e o “objeto do conhecimento”. Ironicamente, a ambiguidade do vocábulo “histórico” nessa fórmula produz exatamente a confusão que ela deveria evitar. Pois, sozinha entre as ciências, a *história* como um termo – diferentemente da astronomia ou da sociologia, da linguística ou da biologia, da física ou da química – designa ao mesmo tempo o processo e a disciplina que busca capturá-lo. Falhando em localizar o perigo da fusão onde ele genuinamente surge, nesse uso ordinário, Althusser o reproduz na própria forma de seu gesto contra ele.

A própria afirmação de Thompson da realidade irreduzível e independente da evidência histórica – e das várias maneiras pelas quais ela pode ser interrogada – é, em geral, um modelo de bom senso. Algumas das distinções que ele delinea – como entre tipos de evidências “portadoras de valor” e “livres de valor” ou “laterais” e “estruturais” – são talvez menos precisas do que ele sugere. Mas poucos escritores, ou leitores reflexivos, de história discordariam de sua descrição da “oficina do historiador” aqui. As dificuldades realmente começam do outro lado de sua enumeração dos diferentes tipos de questionários que podem ser utilizados ao se olhar para a evidência primária. Isso se torna agudamente familiar quando Thompson recomenda a “regra da realidade” de J. H. Hexter, segundo a qual o historiador deveria buscar “a história mais provável que pode ser sustentada pelas evidências relevantes existentes” como “útil” – apenas para ter que lamentar imediatamente depois que ela “foi posta em curso por seu autor de formas cada vez menos produtivas, em defesa de uma suposição prévia de que *qualquer* narrativa marxista seja, *necessariamente*, improvável”.⁹ Mas, evidentemente, a banalidade da fórmula é precisamente a garantia de sua inutilidade: quem deve determinar o que é relevante ou, nesse sentido, o que constitui uma história? Somos imediatamente enviados de volta ao espinhoso problema dos *conceitos* históricos. Thompson não tenta expor ou justificar o conjunto específico de categorias que define o materialismo histórico – uma abstenção com consequências importantes mais adiante em seu ensaio. Ele sugere de passagem, com perfeita retidão, que “há outras formas legítimas de interrogar as evidências”¹⁰ além daquelas que formam os principais parâmetros de investigação dos historiadores marxistas. Em vez de permanecer nos cânones e procedimentos típicos da historiografia marxista, Thompson enfatiza o usual “teste da lógica histórica”,¹¹ ao qual eles, com todos os outros, devem se submeter. Em um belo parágrafo, ele assim representa o veredito geral da disciplina:

O tribunal está em sessão para julgar o materialismo histórico há cem anos e sua decisão vem sendo continuamente postergada. Esse adiamento constitui, de fato, um tributo ao vigor da tradição; nesse prolongado intervalo, as acusações contra inúmeros outros sistemas interpretativos têm sido levadas ao tribunal, e os acusados sumiram “escada abaixo”. O fato de o tribunal ainda não ter se decidido em favor do materialismo histórico não se deve apenas a *parti pris* ideológico de alguns dos juizes (embora haja bastante disso) mas deve-se, também, à natureza provisória dos conceitos explicativos, aos silêncios *reais* (ou mediações ausentes) que há neles, ao caráter primitivo e não reconstituído de algumas das categorias e à determinação inconclusiva das evidências.¹²